
**ENTRE ESTEREÓTIPOS E (DES)CONSTRUÇÕES: A
CONFIGURAÇÃO DO DISCURSO LITERÁRIO NA
REPRESENTAÇÃO DO SERTÃO EM A BAGACEIRA,
DE JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA**

**BETWEEN STEREOTYPES AND (DE)CONSTRUCTIONS: THE
CONFIGURATION OF LITERARY SPEECH IN THE
REPRESENTATION OF SERTÃO IN A BAGACEIRA,
BY JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA**

Luciano Santos Xavier¹⁹
Mylena Cerqueira da Silva²⁰
Adriano Antonio Lima Menezes²¹

RESUMO: A representação do Nordeste, ou especificamente do Sertão, foi por muito tempo pautada em uma caricatura pejorativa, como sinônimo de seca, miséria e atraso para a cultura dominante. Os discursos inerentes a essas construções reforçam um lugar de sertão que não cabe o sertanejo enquanto gente, pensado aqui a sua humanização e construção cultural e de saberes. Tendo em vista esses estereótipos e construções discursivas, este trabalho objetiva analisar a construção do discurso literário na representação do sertão na obra *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, tendo como categorias analíticas o lugar do sertão na narrativa, os contextos sociais, culturais e geográficos, bem como a configuração dos personagens. O método empregado é de caráter qualitativo, sendo a revisão da literatura guiada pela leitura e discussão do aporte bibliográfico utilizado. Utilizamos os estudos de Albuquerque Júnior (2011), Coutinho (1986, 1999), Maingueneau (2009), Chartier (1991), Bourdieu (2005), dentre outros, para discutir, respectivamente, as construções discursivas acerca do Nordeste/Sertão, o Regionalismo/Ciclo Nordestino, o Discurso Literário e conceitos de Representação e de Poder. As impressões obtidas na análise corroboram as enunciações acerca do Sertão/Nordeste, pautadas numa representação e discursividade que caminham em uma via dupla, visto que ora reproduz estereótipos e discursos do imaginário nacional, ora os rompe e desloca para pensarmos os respaldos na construção identitária nacional e do povo sertanejo.

Palavras-chave: Representação. Estereótipos. Sertão. Discurso Literário. Regionalismo Nordestino.

¹⁹ Graduando em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – DCH – Campus IV e integrante do Grupo de Pesquisa Linguagem, Estudos Culturais e Formação do Leitor (LEFOR). E-mail: lu.ciano2011@live.com

²⁰ Graduanda em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – DCH – Campus IV. E-mail: mylenacerqueira2014@gmail.com

²¹ Doutor em História e Cultura do Brasil pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – DCH – Campus IV. E-mail: aamenezes@uneb.br

ABSTRACT: The representation of the Northeast, specially the Sertão, was characterized for a long time in a pejorative caricature as a synonym for drought, misery, and lagging development to the dominant culture. The inerent discourses to these constructions increase a sertão that does not fit the sertanejo as people, discussing here their humanization and cultural construct and knowledge. Bearing in mind these stereotypes and discursive constructions, this work aims to analyze the construction of literary discourse in the representation of sertão in the work *A bagaceira*, by José Américo de Almeida, having as analytical categories the place of sertão in the narrative, the social, cultural and geographical contexts, as well as the structure of the characters. The method employed is a qualitative approach, and the review of literature is guided by reading and discussing the bibliographic contribution used in this work. For this, we utilize the studies by Albuquerque Júnior (2011), Coutinho (1986, 1999), Maingueneau (2009), Chartier (1991), Bourdieu (2005), among others, to discuss, respectively, the discursive constructions about the Northeast/Sertão, the Northeastern Regionalism/Cycle, the Literary Discourse and concepts of Representation and Power. The impressions obtained in the analysis corroborate the enunciations about the Northeast/Sertão, ruled in representation and discourse that leads to a double path, since sometimes it reproduces stereotypes and discourses of national imagination, and sometimes it breaks and displaces them to think about the backings in the identity national construction and sertanejo people.

Keywords: Representation. Stereotypes. Sertão. Literary discourse. Northeastern Regionalism.

1 INTRODUÇÃO

Em torno da representação do Nordeste (pensando sertão e litoral) há uma carga simbólica e discursiva que permeia o imaginário nacional. Isso figura a referida região como um lugar carregado de estereótipos e representações pautadas em aspectos pejorativos e jocosos, seja acerca do espaço geográfico, das vivências culturais ou mesmo sobreposto a uma representação caricata do povo nordestino.

Nesse contexto, o sertão recebe uma discursividade ainda mais densa, visto a construção imaginária desse lugar como pacato, rural e estagnado no tempo. Engessa-o, desse modo, numa suposta cultura tradicional, imóvel e apática às transformações culturais correntes no tempo e espaço.

A saber que nosso estudo se pauta numa análise representacional do sertão a partir de uma obra literária, há de se destacar o papel do regionalismo literário na manutenção e ruptura de muitos dos estereótipos construídos (e ainda hoje em difusão), reconhecendo os respaldos da sua discursividade na representação do lugar sertanejo. O que se pretende aqui não é condenar a literatura e/ou responsabilizá-la pelas construções discursivas em torno da ideia de sertão, mas pensar até que ponto foi positivo ou negativo algumas configurações do regionalismo literário na representação da vida no sertão do Brasil.

Para muitos teóricos que pensam o Regionalismo do Nordeste – como Coutinho (1999, 1986), Albuquerque Júnior (2011), dentre outros –, *A bagaceira* (1989), de José Américo de Almeida, é o marco inicial do movimento ficcional

regionalista do Nordeste. Essa obra inaugura toda uma produção literária que toma o Nordeste/Sertão como pano de fundo para a construção de enredos repletos de denúncias e representações do povo nordestino. O papel da escrita de José Américo de Almeida, como romancista e homem público, “foi de ordem mais histórica do que propriamente estética”, como destaca Coutinho (1999, p. 337). O fato é que *A bagaceira* abriu os caminhos para que muitos outros e outras romancistas descortinassem o sertão nas narrativas literárias.

José Américo de Almeida (1887-1980), paraibano, nascido na cidade de Areia, além de escritor, era também advogado, político e professor universitário. Esses aspectos da vida do autor são importantes para refletirmos a sua narrativa sobre o sertão, que emerge muito mais numa perspectiva sociológica do que geográfica. Ainda na perspectiva de Coutinho (1986), Américo compõe sua narrativa a partir da vida no sertão, nos canaviais, trazendo a linguagem característica do matuto nordestino, carregada de modismos e de uma sintaxe sugestiva.

Ao trazer esses elementos, buscamos analisar a construção do discurso literário construído por José Américo de Almeida na representação do sertão na obra *A bagaceira*, tendo como categorias analíticas o lugar do sertão em sua narrativa, os contextos sociais, culturais e geográficos, bem como a configuração dos personagens.

O método que utilizamos na construção deste trabalho é de cunho qualitativo, sendo a revisão de literatura, na qual temos a seleção, leitura e análise bibliográfica como o nosso principal caminho para as considerações aqui tecidas. A noção de discurso a qual nos referimos é guiada pelos estudos de Maingueneau (2009), considerando o conceito de *Discurso Literário* e suas interposições na enunciação, tencionadas pelas abordagens de Bakhtin (1997, 2004). O conceito de *representação* é pautado, principalmente, nas discussões de Chartier (1991) que, ao tratar das relações socioculturais na História, tenciona as identidades e os movimentos representacionais nela construídos. Também nos pautamos na noção de representação trazida por Bourdieu (2005), para compreendermos as relações de força e de poder que se estabelecem nessas construções representacionais do sertão, à guisa de um imaginário regional. Os estudos de Albuquerque Júnior (2011) – dentre outros autores que dialogam com a temática do Nordeste/Sertão – foram de grande relevância nas nossas argumentações, visto a maneira com a qual o autor discorre a sua análise sobre os aspectos representacionais e discursivos que associados ao território nordestino.

Este artigo está organizado em três seções. Na primeira, discutimos os conceitos de discurso literário e representação, delineando as abordagens que permeiam o campo da Literatura e outras áreas epistêmicas. Na segunda, trazemos algumas discussões sobre o regionalismo e as construções feitas pela cultura hegemônica brasileira sobre o sertão, como forma de dominação e estabelecida das relações de poder. Por fim, na terceira seção, abordamos as tessituras do discurso literário na representação na obra *A bagaceira*, de José Américo de Almeida.

2 DISCURSO LITERÁRIO E REPRESENTAÇÃO: ALGUMAS PRECISÕES CONCEITUAIS

Maingueneau (2009), ao tratar do discurso literário, aborda uma série de questões que contribuem para esse campo de estudo e para o seu processo de formação. Segundo o autor, ao utilizarmos a noção de discurso literário, devemos levar em conta que se trata de um conceito ambíguo por designar tanto um discurso ligado a um estatuto paradigmático, estável, quanto por designar um discurso que não é estável, que não estabelece uma unidade, mas que por outro lado consegue reunir fatores de diferentes períodos histórico-sociais.

Para o autor, pensar a literatura como um discurso, acaba por descentralizá-la de um estatuto de “individualidade criadora”, desse modo, haveria uma renúncia ao “fantasma da obra *em si*”, para que passássemos a considerá-la através das condições de enunciação. Também se destaca que o discurso literário supõe uma *paratopia* (que discutiremos posteriormente) e uma cena de enunciação. Todas essas questões caminham para a inserção do discurso literário ao discurso constituinte, que, de acordo com autor, “designa fundamentalmente os discursos que se propõem como discursos de Origem, validados por uma cena de enunciação que autoriza a si mesma” (MAINGUENEAU, 2009, p. 60). Desse modo, o discurso literário é visto sob um viés relacionado a outros campos de estudos ou artes, o que permite uma maior compreensão do fato literário.

Considerando as concepções bakhtinianas sobre o gênero discursivo, entendemos que tanto o *enunciado* quanto a *enunciação* possuem um caráter eminentemente social. O *enunciado*, oral ou escrito, é “estritamente delimitado pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro” (BAKHTIN, 1997, p. 294). Já a *enunciação* é o produto da interação entre dois indivíduos organizados socialmente e que acompanha uma natureza ideológica, visto que “ela [a enunciação] não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um “horizonte social” (BAKHTIN, 2004, p. 16). Tais conceituações também estão ligadas ao que Orlandi (2009) chama de “os já ditos do discurso”, localizados num *interdiscurso*, que é interpelado pela *memória*. Sendo assim, devemos compreender o enunciado levando em conta as circunstâncias que o suscitam, tanto históricas, quanto sociais e culturais no qual ele está inserido.

É necessário abordarmos essa noção de *enunciado* e *enunciação* discutida por Bakhtin para compreendermos o conceito de *paratopia* abordada por Maingueneau (2009). Este autor, ao considerar a *paratopia* no processo criador das obras literárias, destaca que o escritor se estabelece como sujeito “cuja enunciação se constitui através da própria impossibilidade de atribuir a si um verdadeiro lugar, que alimenta sua criação do caráter radicalmente problemático de seu próprio pertencimento ao campo literário e à sociedade” (MAINGUENEAU, 2009, p. 108).

Nesse sentido, a *paratopia* se estabelece como um *lugar* e *não-lugar* de fala, uma *pertença* e *não-pertença* do escritor. Como sabemos, o lugar de fala ou o lugar social interferem no discurso do sujeito geralmente de uma forma inconsciente, como aponta Orlandi (2009) na questão dos esquecimentos (ideológico e de enunciação) como formações estruturantes, uma vez que os sujeitos se esquecem do *já-dito* para, ao se identificarem com o que dizem, se constituírem como sujeitos. Porém, seguindo a noção de *paratopia* de Maingueneau (2009), é necessário que o escritor, ao

escrever sobre os comportamentos de determinada parte da sociedade ou de determinado grupo social participe e não participe de suas práticas, e que faça essas duas ações de maneira plena. Isso se deve ao fato de que o discurso literário, enquanto discurso constituinte, não pode pertencer totalmente aos espaços sociais. Mas é nesse paradoxo, em que se encontra o “enunciador paratópico”, que irá surgir as possibilidades de abordar em seu processo criador diferentes lugares, culturas e sociedades. Maingueneau (2009) discorre que “[...] a *paratopia* é simultaneamente aquilo que se precisa ficar livre por meio da criação e aquilo que a criação aprofunda; é a um só tempo aquilo que se cria a possibilidade de acesso a um lugar e aquilo que proíbe todo pertencimento” (MAINGUENEAU, 2009, p. 109).

Maingueneau (2009) destaca três tipos de *paratopias*, a saber: a de *identidade*, a *espacial* e a *temporal*. No que tange à obra *A bagaceira*, de José Américo, dentre os três tipos de paratopia citados, podemos relacionar a de *identidade*, pautada no paradoxo “meu grupo não é meu grupo”, bem como por abordar tanto uma identidade familiar quanto social. Ainda é de nosso interesse observar o referido romance sob a perspectiva da paratopia *espacial*, uma vez que esta reflete o paradoxo “meu lugar não é meu lugar” (MAINGUENEAU, 2009, p. 110).

Analisando os personagens da obra, bem como o lugar social e geográfico onde eles se encontram na narrativa, estabelecemos um paralelo com alguns aspectos da vida do autor a fim de dialogar os meandros da narrativa com a *paratopia*. Como já afirmamos, José Américo de Almeida nasceu no estado da Paraíba, numa cidade em que muitas pessoas faleceram em decorrência de longos períodos de seca. Apesar de ficar órfão muito cedo, Almeida teve uma boa educação durante toda a sua juventude, ingressando mais adiante na carreira política.

Através desses fatos da vida do autor, observamos, em primeiro lugar, a paratopia da *identidade*, familiar e social. Pois, embora os hábitos de vida, culturais e empregatícios dos personagens (moradores do engenho/sertão) sejam construídos na narrativa, eles não estão atrelados diretamente ao cotidiano de José Américo, que ocupa um lugar privilegiado e de poder, enquanto político, professor universitário e escritor. No que tange à paratopia *espacial*, o local que encena a narrativa é constituído pelo brejo/engenho canavieiro, que, mesmo estando situado na Paraíba (que é Estado do autor), não é o seu lugar corriqueiro/cotidiano.

A ideia de *discurso literário* está situada também no conceito de *representação*, uma vez que compreendemos este último como fator preponderante nas formações discursivas. Pierre Bourdieu (2005, p. 118) aponta a ideia de *representação* como “enunciados performativos que pretendem que aconteça aquilo que enunciam”, a partir dos princípios de conhecimento e reconhecimento na perspectiva dos aspectos regionais.

Na perspectiva da *representação* pautada na construção identitária e regional, Bourdieu trabalha a dualidade desse conceito sobreposto numa representação *mental* e *objectal*, sendo que na primeira é envolta nos atos de percepção e apreciação (como línguas, dialetos ou sotaques); ao passo que a segunda está posta “em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou actos, estratégias interessadas de manipulação simbólicas que tem em vista determinar a representação mental que os outros podem ter dessas propriedades e dos seus portadores” (BOURDIEU, 2005, p. 112). Tais aspectos representacionais, *mentais* e *objectais*, contribuem diretamente

na formação das identidades coletivas e individuais, uma vez que tais representações implicam nas relações sociais.

Nesse sentido, a representação nunca esteve isenta dos respaldos dos acontecimentos históricos e então sociais, como mostra-nos Chartier (1991). Na perspectiva do referido autor, entendendo a construção das realidades sociais através da história cultural, é suposto um procedimento de análise dessas construções de acordo com o local e o momento histórico em que surgiram. Para isso, o autor apresenta algumas modalidades de entendimento das relações sociais, uma vez que:

De início, o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais "representantes" (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe (CHARTIER, 1991, p. 183).

Essas modalidades, segundo o autor, nos fazem refletir duas questões sobre a construção das identidades sociais. Em primeiro lugar, devemos ponderar a construção das identidades sociais como produto das relações de forças, em que aqueles que são detentores do poder definem/estabelecem as representações, aceitações e resistências produzidas pelas próprias comunidades. Segundo, que a construção de identidades sociais através da representação ou do reconhecimento social que cada grupo confere a si mesmo de maneira autônoma. Desse modo, a história cultural estabelece o trabalho com as representações a partir da focalização sobre "as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade" (CHARTIER, 1991, p. 184).

Portanto, o emprego de tais conceitos neste trabalho, tanto de *discurso literário* quanto de *representação* e seus atos constituintes, se justifica na medida em que entendemos *A bagaceira* como uma narrativa discursiva que engendra representações do Nordeste/Sertão que rompem e mantêm retratos e figurações do lugar sertanejo no imaginário nacional, como exporemos no próximo tópico.

3 ENTRE ESTEREÓTIPOS E (DES)CONSTRUÇÕES: REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DO SERTÃO NO REGIONALISMO NORDESTINO

O lugar do sertão nos discursos hegemônicos nacionais, em especial das regiões Sul e Sudeste do país, foi marcado por muito tempo como sinônimo de seca, miséria e de atraso, com relação ao progresso social, político e/ou educacional. O sertanejo comumente era (e ainda é) representado de forma jocosa e pejorativa, que mais se aproxima de um "selvagem" nos interiores do Brasil.

Essa representação estereotipada, tanto do sertão como dos sertanejos, está marcada por inúmeras relações de força, poder e de dominação na história do povo brasileiro. Para Albuquerque Júnior (2011, p. 30), “o estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo”. Nesse sentido, é compreensível os movimentos de negação da diferença por parte de um grupo dominante que, no caso do Brasil, sempre tentou se impor e desumanizar os povos dos sertões brasileiros. Essa desumanização a qual nos referimos está posta nos diversos meios representacionais e discursivos que a cultura brasileira elitizada encontrou para se referir aos nordestinos/sertanejos.

A partir do movimento modernista (no início do século XX), com a urgência da busca por uma identidade brasileira que abarcasse a sua diversidade, o Nordeste e o sertão começam a surgir mais marcadamente na produção cultural do país, seja como aspecto temático nas expressões artísticas ou mesmo como lugar natural de importantes intelectuais, artistas e políticos. Daí a pensar-se num movimento regionalista que corroborasse imagens do sertão nas representações nacionais e nas (re)configurações discursivas acerca dele.

Tendo em vista a produção cultural, política e artística do Regionalismo Nordeste, devemos ponderar que “o regional para o intelectual regionalista era um desfilar de elementos culturais raros, pinçados como relíquias em via de extinção diante do progresso”, como bem nos lembra Albuquerque Júnior (2011, p. 65). Nesse sentido, a produção regionalista se debruçava em movimentos de criação, via confluência das representações culturais, sociais e políticas do Nordeste. De acordo com Afrânio Coutinho:

A região nordestina prestava-se à maravilha para a valorização das tradições culturais, daí a força com que o movimento regionalista se difundiu por toda a região, da Bahia ao Ceará e mais ao Norte. A fórmula era buscar no ambiente social, cultural e geográfico os elementos temáticos, os tipos de problemas, os episódios, que seriam transformados em matéria de ficção (COUTINHO, 1999, p. 278).

Assim, esses aspectos se centram para figurar um regionalismo que seguisse fiel às suas características locais. Todavia, mesmo com a grande repercussão nos debates nacionais, impulsionada principalmente pelo movimento regionalista, o sertão seguia configurado numa perspectiva alegórica e folclórica, distante de ser concebido como o lugar em que o suposto “progresso” operava.

Pensar o “progresso” – no sentido que muitos intelectuais e políticos brasileiros do século XX pensavam – era o mesmo que o aliar à ideia de civilização, de cultura; e o sertão se encontrava distante dessa realidade, já que tal relação (sertão-civilização) foi sempre encarada como excludente, pois o lugar sertanejo foi constituído discursivamente “como um repositório de uma cultura folclórica, tradicional, base para o estabelecimento da cultura nacional” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Santos (2013) aponta um aspecto preponderante para concebermos a relação sertão-civilização. Para o autor, a não inclusão do sertão na construção discursiva de “civilização” esteve mais atrelada à sua atenuada relação com o Estado do que ao seu aspecto cultural ou geográfico, uma vez que “o sertão não é

determinado pela sua cultura pastoril e sim por sua distância em relação ao poder público. Essa área também encara uma das extremidades do dualismo que contrapõe barbárie e civilização” (SANTOS, 2013, p. 115).

Retomando as figurações folclóricas, tradicionais e então miseráveis, a representação do Nordeste e do sertão se voltou aos fatores da seca e da fome, para além do analfabetismo do seu povo, ponto-chave que, para a cultura elitizada, “estagnava” a produção cultural e intelectual do país. A temática da fome no sertão surge nas mais diversas expressões artísticas, especialmente nos movimentos regionais naturalistas, realistas e modernistas, à guisa de denúncia.

No que tange ao regionalismo naturalista na literatura, ele era conduzido numa perspectiva mais paisagística do que psicológico-social (COUTINHO, 1986). As insígnias do Romantismo ainda pairavam nessa produção literária, que muito acentuava os aspectos da geografia nordestina nas narrativas. Na tendência realista – já muito próxima da modernista –, os cenários de denúncia das desigualdades sociais emergem para revelar os retratos da seca, da fome e da miséria sofrida pelo povo sertanejo, que, sob indiferença do Estado/poder público, piorava em níveis alarmantes. Há de se destacar também a utilização desses pressupostos pela hegemonia econômica e política local como forma de obtenção de barganhas e recursos estatais, a fim de atender a interesses próprios dessa elite dominante; como nos lembra Albuquerque Júnior, ao afirmar que no século passado “ela [a seca] não é só percebida, como é transformada no ‘cavalo de batalha’ de uma elite necessitada de argumentos fortes para continuar exigindo o seu quinhão, na partilha dos benefícios econômicos e dos postos políticos em âmbito nacional” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1995, p. 120).

Embora o sertão surja como temática e como lugar de denúncia no regionalismo realista, é mesmo no Modernismo que algumas rupturas começam a pensar o regional além de uma representação excêntrica. Albuquerque Júnior afirma que:

O que o modernismo fez foi incorporar o elemento regional a uma visibilidade e dizibilidade que oscilavam entre o cosmopolitismo e o nacionalismo, superando a visão exótica e pitoresca naturalista. Esses elementos são retrabalhados ora para destruir sua diferença, ora para ressaltá-la, apagando aquela distância produzida pelo olhar europeizado (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 69).

Ainda pensando nessa ruptura, o modernismo institui outras vertentes temáticas a pensar o regional como acepção de uma diversidade cultural que se torna preponderante para a instituição da identidade nacional. Porém, o lugar do sertão na narrativa modernista ainda ocupa o imaginário da seca e da fome, como se observa em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, *O Quinze*, de Rachel de Queiroz ou mesmo *Seara Vermelha*, de Jorge Amado, todos do movimento modernista.

A temática da seca na literatura coloca o sertão numa construção discursiva que o engendra em discurso único, tomado como maior na representação sertaneja. Guiada pelas vias da dominação, essa representação engessa no imaginário nacional um sertão em que não cabe a pluralidade cultural, política e intelectual; o molde de sertão que se tem é aquele em que a seca se coloca num panorama central. Segundo Albuquerque Júnior:

O que se percebe [...] é que essa literatura, mesmo quando trata a seca como fenômeno com repercussões sociais e históricas, a toma apenas como fenômeno natural, não a abordando como um produto histórico de práticas e discursos, como invenção histórica e social, o que implicaria, ao se falar em “seca do Norte” ou “seca do Nordeste”, não se estar falando de qualquer estiagem, mas de um objeto “imagético-discursivo”, cujas imagens e significações variam ao longo do tempo e conforme o embate de forças que a toma como objeto de saber (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1995, p. 111).

A perspectiva trazida pelo autor é muito importante para compreendermos os embates discursivos e imagéticos na representação do sertão, a partir da temática/fenômeno da seca. Isso não acontece somente na literatura, como também em outras linguagens artísticas que abordam o sertão. A seca, nesse sentido, pode ser entendida numa via dupla: ora como caricaturização do sertão, ora com o intuito de ressaltar a valentia e resistência sertaneja, diante das adversidades climáticas e sociais gerada por esse fenômeno. Essa última via se situa na ideia de *discurso regional* trazida por Bourdieu, em *O poder simbólico* (2005), considerando que, para o autor:

O discurso regionalista é um discurso *performativo*, que tem em vista impor como legítima uma nova definição das fronteiras e dar a conhecer e fazer reconhecer a *região* assim delimitada – e, como tal, desconhecida – contra a definição dominante, portanto, reconhecida e legítima, que a ignora (BOURDIEU, 2005, p. 116, grifo do autor).

Na música, por exemplo, o sertão é pluralizado, bem como engendrado em algumas construções temático-discursivas, que se inserem nessa duplicidade a qual nos referimos anteriormente. Luiz Gonzaga, na canção “Asa Branca” – ou em tantas outras composições –, desbrava o sertão numa perspectiva que podemos observar essa dualidade discursiva: a reprodução do discurso da seca e da fome posta no imaginário nacional; e ainda assim, a ideia de sertanidade e pertencimento do sertanejo é marcada e construída tanto na produção musical de Luiz Gonzaga (marco da música nordestina), como também na musicalidade de outros cantores como Elba Ramalho, Alceu Valença, Flávio José, e demais contemporâneos.

Nas artes visuais, em especial nas pinturas, a representação do Nordeste/Sertão não foi diferente das outras linguagens artísticas. No quadro *Os Retirantes*, de Cândido Portinari, por exemplo, os retratos da seca e da fome figuram o sertão como o lugar da miséria que, por um lado, chega a causar pena e caridade das pessoas que não convivem com a realidade sertaneja; por outro, incita uma inquietação nos nordestinos/sertanejos, que, embora saibam que a seca é uma realidade no sertão, há outros aspectos relevantes que podem melhor figurar a cultura e as vivências nordestinas/sertanejas que não essas enquadradas e restritas à dor e fome.

Albuquerque Júnior destaca as inúmeras facetas do Nordeste arquitetadas nas artes visuais, que refletem:

Nordeste da morte pobre. Nordeste daqueles que só tem o céu para poderem clamar, pedir de joelhos. Pedintes e de joelhos, eis o povo nordestino, maltrapilho, sobre o qual parecem sempre pairar a desgraça, a morte, os urubus. Gente que só tem as próprias vidas e de seus filhos para oferecer, a oferenda esquelética e trágica. Povo que chora compridas lágrimas, que tem expressões de miséria e dor estampadas no corpo e no rosto, e parecem ser sempre os mesmos. Rostos construídos e desconstruídos pelo pincel da fome e da seca. Região composta de quadros de horror que suscitam pena, solidariedade e até revolta, mas também causa repulsa, medo, estranhamento e preconceito (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 281).

Em outras pinturas os mesmos aspectos são destacados, embora ponderemos que outros positivos também sobressaiam. A questão é que nas artes plásticas/visuais – assim como em outras linguagens artísticas – a representação imagética e discursiva que se difunde centram nesses aspectos que o autor destacou.

Compreenderemos no tópico seguinte como essas questões discutidas até o momento confluem na representação de um sertão imerso num projeto de dominação, haja vista os discursos apresentados na obra que configuram um sertão de miséria e abandono.

4 A TESSITURA DO DISCURSO LITERÁRIO NA REPRESENTAÇÃO DO SERTÃO EM A BAGACEIRA, DE JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA

Como já afirmamos anteriormente, a publicação de *A bagaceira* é considerada como marco da narrativa regionalista do Nordeste, no que tange à inserção da temática do sertão numa perspectiva sociológica. Essa obra descortina outros horizontes para os escritores vindouros que adentram nos meandros da ficção regionalista nordestina, pautada num lugar de sertão que ainda era figurado na perspectiva da seca, da fome, da denúncia das lamúrias sofridas pelo povo nordestino/sertanejo.

Em *A bagaceira*, José Américo de Almeida tece uma narrativa que pensa o sertão sob os pretextos pejorativos, mencionados acima. Tudo isso guiado pela trama romântica entre Soledade e Lúcio. Soledade que é desvirtuada/seduzida por Dagoberto, pai de Lúcio e dono da fazenda/engenho, ao qual Soledade pede asilo juntamente com seu pai e demais retirantes que os acompanham.

Embora ainda aborde a temática da seca e da fome no sertão, o romance de José Américo de Almeida transcende essa questão na medida em que não se restringe aos aspectos climáticos ou miseráveis desse fenômeno, mas debruça-se nas questões sociológicas do sertão, tanto quanto as relações de força e de poder vigentes na região. O autor explora ainda a contradição entre o brejo e o sertão, no que tange às características socioeconômicas de cada lugar.

No sentido dos movimentos representacionais que abordamos em todo este trabalho, a representação do sertão que José Américo de Almeida apresenta em *A bagaceira* perpassa por enunciações que, embora sociológicas, ainda figuram o

sertão numa perspectiva não tão distante do imaginário da seca, fome e miséria. Conforme Bourdieu (2005), tais propriedades simbólicas não podem ser ignoradas pela sociedade em geral, na medida que acabam por se configurar como características intrínsecas, podendo ser utilizadas tanto de maneiras positivas quanto negativas a depender do interesse dos sujeitos sociais.

Tais representações engendram um enunciado que, além de imagético, é também discursivo, já que representação e discurso não se dissociam. A questão é refletir até que ponto a reprodução de algumas imagens corrobora ou não para a permanência de uma única representação de sertão no imaginário nacional. Nessa perspectiva, as questões que aqui discutimos se situam nos impactos discursivos que o Nordeste/Sertão sofre ao serem abordados nas produções artísticas, políticas ou intelectuais do país. Albuquerque Júnior (2011, p. 33) reitera que “o Nordeste nasce onde se encontram poder e linguagem, onde se dá a produção imagética e textual da espacialização das relações de poder”. Desse modo, se a emergência do Nordeste/Sertão está associada às produções de linguagem (como discurso) e, portanto, de poder, toda e qualquer reprodução discursiva está sujeita às múltiplas marcas de interpretação e de representação.

A título de ilustração do que estamos argumentando, tomemos aqui a temática da seca na obra, considerando seus impactos e as relações do sertanejo com o fenômeno. Mesmo numa perspectiva sociológica, o discurso construído por Almeida, embora intuitivo em tentar fugir das imagens mais rotuladas, não é tão distante daqueles que ainda se pautavam na seca apenas como fator climático e difusor da miséria no sertão. Mesmo com abordagens diferentes, a discursividade ainda coaduna para uma mesma representação, àquela estagnada no imaginário nacional. Isso porque a seca é entendida em todo o país como lugar social exclusivo e representativo do Nordeste.

Ainda no que tange à seca, ela é percebida em *A bagaceira* numa perspectiva climática e social, mas também filosófica, alinhada a um fator ontológico que José Américo de Almeida calcina no povo sertanejo. Observemos isso no fragmento: “Acabo disso, essa é que foi a seca grande: de primeiro, o rebentão era por fora; esse aí fui eu, porque a gente também seca por dentro. Seca, fica tudo mirrado – o esp’rito [sic], a coragem...” (ALMEIDA, 1989, p. 54). No trecho trazido como ilustração, é perceptível que o autor anuncia a seca no espaço geográfico e, mais ainda, no interior dos sertanejos que vivenciam todo o fenômeno. É como se a seca já fizesse parte do sertanejo, fosse-lhe algo intrínseco.

A fome no sertão é outra temática recorrente e emblemática na narrativa. José Américo de Almeida se apropria do tema numa perspectiva que denuncia, mas que também escandaliza o leitor, como se desvela nos dois trechos a seguir:

O senhor de engenho não queria bicho na terra. Não pusera dúvida em deixá-lo ficar, porém como seu, na bagaceira. E o sertanejo oferecera-se para tratá-lo de graça. Viera – Deus sabia como – comendo o resto de milho que poderia ter servido de alimento aos retirantes. Arraçoadado pela mão. [...] Minudenciou, em seguida, na sua linguagem brasileira, esse esfacelo de uma população fantástica que se finava de pura fome no país das engordas forasteiras. Referiu o canibalismo de Dionísia dos Anjos, a mulher antropófaga, de Pombal,

que matara e comera uma menina de 5 anos. E outros lances pavorosos (ALMEIDA, 1989, p. 51-54).

Nos fragmentos da narrativa citados acima há duas perspectivas diferentes que Américo de Almeida aborda para denunciar e escandalizar a fome: na primeira citação, observamos que a comida (resto de milho) que seria dado ao cavalo poderia servir de alimento para os retirantes, que acabaram de chegar ao engenho. É visível o deslocamento da humanidade dos retirantes ao lugar dos animais, que comem *qualquer* coisa e ficam de *qualquer* jeito. Na segunda citação, o autor denuncia a fome a partir do canibalismo, do escândalo da história de uma senhora que comeu uma menina de cinco anos, porque não tinha do que se alimentar. As duas construções colocam o sertão e o sertanejo num lugar discursivo onde o Estado não se posiciona, bem como numa perspectiva de local e sujeito que atendem à “selvageria”, ao espaço onde se distanciam dos pressupostos de “civilização” e “cultura” da elite dominante.

A ideia de “progresso” no sertão, abordada na narrativa, entra em contradição na medida em que há um desejo de modernização – principalmente tecnológica e da maquinaria – no espaço tido como rural (figurada no discurso do personagem Lúcio), em contraposição com uma rejeição das modificações culturais e sociopolíticas no espaço sertanejo (postas na discursividade de Dagoberto, pai de Lúcio, que se centra em manter as tradições de dominação local). Nesse sentido, para Albuquerque Júnior (2011, p. 159), “Américo apresenta, pois, o Nordeste como uma região a ser unificada a partir do modelo do sertão e modificada por uma ação modernizadora”. Portanto, é perceptível na escrita de José de Américo de Almeida que há uma abordagem que tenciona a modernização das práticas latifundiárias e progressistas no sertão, mas que projeta a manutenção das formas políticas e sociais de dominação do povo sertanejo.

Na narrativa, a sociedade de elite se caracteriza pelo dono do engenho e seu filho (que aborda valores morais, atitudes intelectuais, progressistas e tradicionais). Nesse cenário, em que há um “embate” de ideias entre Dagoberto e Lúcio, podemos observar que ao mesmo tempo em que o autor tece críticas às práticas coronelistas, ele coaduna a permanência de práticas que estabelecem uma desigualdade social. Esta que se constitui na medida em que o ideal progressista apresentado (mudanças nas técnicas de manuseio com a terra) não estabelece uma relação de igualdade entre todos os personagens envolvidos no processo. Dessa maneira, o progresso no sertão estaria voltado para a terra e não para a sociedade em si, pelo menos não em sua totalidade, no que tange ao rompimento das desigualdades sociais.

No decorrer da narrativa, José Américo de Almeida desvela o cotidiano sertanejo, de modo a figurar seu povo e os costumes característicos no interior do sertão. O autor acentua a simplicidade no modo de vida conduzido pelos sertanejos: “Os meninos nus eram criados pelo sol enfermeiro. Divertiam-se pegando gafanhotos e lagartixas, matando os bichinhos do mato – divertiam-se, como podiam, com essas maldades inocentes” (ALMEIDA, 1989, p. 106).

José Américo de Almeida constrói ainda figurações acerca da mulher no sertão, através da configuração da personagem Soledade, que não se estagna num lugar de mulher “recatada” e de “bons costumes”, estando imersa nas vivências e experiências ditas “masculinas”, isto é, que são características e delegadas ao perfil do homem:

Soledade tornara, a pouco e pouco, à desenvoltura de seu natural. Criada, sem brincos de menina, nos folguedos dos irmãos mais velhos, contraíra os mesmos atos de liberdade e de audácia rústica. E, não logrando condicionar-se à vida sozinha, fugia ao tédio caseiro, vagueando por vales e grotões, com uma vivacidade de passarinho indoméstico (ALMEIDA, 1989, p. 90).

Embora marcantes na representação do sertão e das vivências sertanejas – estando amparadas por uma identidade interiorana –, as citações anteriores de *A bagaceira* estão também permeadas por formações discursivas que, no imaginário nacional, são utilizadas como forma de subversão e única representação do povo nordestino/sertanejo. O que destacamos aqui é como o discurso dos enunciados citados são tomados pelos dois lugares de fala, sendo um que liberta e o outro que oprime. Do ponto de vista da libertação, tomemos esses enunciados como parte das vivências no Nordeste/Sertão e de sua cultura, que contribuem para a construção de uma identidade cultural sertaneja, assim como nacional.

Em contraposição, pensando na perspectiva da opressão, ponderamos essa como uma concepção unívoca e engessada utilizada pela elite nacional como forma de dominação e estereotipia da região e povo sertanejos. De acordo com as acepções de Albuquerque Júnior (2011, p. 30) “o discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras”. Nesse sentido, a ideia de opressão através do discurso representacional engessa uma única imagem no imaginário nacional, no caso da análise dos trechos que trouxemos: a de um povo que vive como selvagem, de mulher que não tem civilização.

Assim como em quase toda a produção literária regionalista – sobretudo a da década de 1930 –, a denúncia das desigualdades sociais e do descaso do poder público para com os sertanejos é uma marca emblemática em *A bagaceira*. A seca é um dos artifícios utilizados pelo autor para ilustrar as penúrias sofridas no sertão:

A seca chegou a aprazar suas irrupções com a lei da periodicidade. Todo o mundo tinha a previsão da catástrofe em datas fatais. E os poderes públicos não a atalharam; não procuraram corrigir os acidentes da natureza incerta que dá muito e tira tudo de uma vez. Essa vitalidade aleatória ficou, até hoje, à espera da intervenção racional que demovesse os obstáculos do seu aproveitamento e fixasse o sertanejo no sertão (ALMEIDA, 1989, p. 156).

O fato é que em toda a narrativa José Américo de Almeida apresenta as imagens do descaso no sertão, onde as desigualdades, a seca, a fome e as relações de força da elite local e de poder – em especial o político – compõem o cenário do cotidiano sertanejo. Retomando a perspectiva trazida por Albuquerque Júnior (1995), a seca foi utilizada por muito tempo como justificativa da elite local para conseguir recursos públicos que até resolviam momentaneamente os problemas causados pelo fenômeno, mas que eram pressupostos mais utilizados para conseguir atender aos interesses próprios dessa classe. No caso da obra de José Américo de Almeida

analisada neste trabalho, o discurso do autor se situa numa duplicidade – como já falamos –, visto que denuncia os problemas da seca, projeta e insinua a modernização no espaço sertanejo, mas ainda respalda um discurso que reforça as relações de força e de poder político e social no sertão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, podemos compreender as marcas que engessam a representação do Nordeste/Sertão no imaginário nacional. O discurso de sertão que encontrou-se em voga por muito tempo (e que ainda é difundido) figura uma imagem que não cabe para representar os povos e o lugar sertanejo. Não se pretende negar ou afirmar que o fenômeno da seca e das dificuldades no sertão nunca aconteceram, mas questionar e ponderar outros aspectos representacionais que podem representar melhor o sertão, considerando a diversidade cultural, política e a produção intelectual e artística dessa região.

O Regionalismo Nordestino contribuiu muito para a emergência do Nordeste/Sertão nos debates nacionais, mas é preciso refletir também as marcas discursivas deixadas por esse movimento no engessar da identidade e da representação do sertão e dos sertanejos. Isso porque é importante afirmar que representação e discurso não se dissociam, fortificam-se nos atos representacionais e no estabelecimento das relações de poder e dominação (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

No que concerne à obra *A bagaceira*, a discursividade construída por José Américo de Almeida encontra-se uma via dupla em que há uma percepção de mudança, de modernização do espaço sertanejo, ao mesmo tempo em que há uma negação das modificações culturais e políticas da elite local, reforçando assim a ideia de dominação e determinação das relações de poder. As temáticas abordadas, a configuração dos personagens e do sertão na narrativa, bem como os contextos sociais, culturais e geográficos, contribuem para pensar essa duplicidade discursiva em torno do sertão que ora reproduz estereótipos e discursos do imaginário nacional, ora os rompe para pensarmos os respaldos na construção identitária nacional e do povo sertanejo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. A. de. **A bagaceira**. Milton Paiva, Elisalva de Fátima Madruga e Neroaldo Pontes de Azevedo (Ed. crítica). Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, vol. 15, n. 28, p. 111-120, 1995.

_____. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ensantina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 11 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

BOURDIEU, P. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. *In*: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 105-132.

CHARTIER, R. O mundo como representação. Trad. Andréa Daher e Zenir Campos Reis. *In*: **Estudos Avançados**. vol. 5 n.11. São Paulo. jan./abr. 1991.

COUTINHO, A. **A Literatura no Brasil**. Vol. 5. 5. ed. São Paulo: Global, 1999.

_____. **A Literatura no Brasil**. Vol. 6. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MAINGUENEAU, D. **Discurso Literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2009.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. ed. 8. Campinas: Pontes, 2009.

SANTOS, H. J. dos. Um lugar chamado Sertão: Visões e contradições (da Carta de Pero Vaz de Caminha a Os Sertões, de Euclides da Cunha. *In*: **Revista Rascunhos Culturais**. Coxim/MS, v. 4, n. 7. jan./jun., p. 107-132, 2013.